

UM CORAÇÃO PARTIDO É O BERÇO DO AMOR

“Encontrareis um Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura...” (Lc 2, 12)

O coração partido de Cornélia Connelly

“Um coração partido é o berço do amor.” Assim dizia a Venerável Cornélia Connelly (1809-1879), mãe, esposa, madre fundadora, às suas Irmãs em religião. Falava por experiência, claro. Foi uma vida de desilusões que a ensinou a sonhar, uma vida de traições que lhe permitiu entregar-se, fiel até ao fim. Aquele dia da Apresentação do Senhor, em que Cornélia susteve nos braços o filho bebé agonizante, foi a ferida de onde, anos mais tarde, nasceu a Sociedade do Menino Jesus. A grandeza de Cornélia está aqui: tendo todas as razões para se entregar à amargura, Cornélia escolheu a alegria. A sua vida e a sua face irradiavam, como testemunham todos os que com ela conviveram. Tinha, diziam as Irmãs, “um sorriso inexplicável”. Ou talvez não tão inexplicável... É que ela sabia que o Deus Menino elege os corações partidos para berço.

Os corações partidos de Maria e José

O Coração Imaculado de Maria, o primeiro a servir de berço ao Deus Menino, é um coração partido, atravessado por uma lança. Assim o veneramos como Igreja, segundo a visão que dele tiveram os santos pastorinhos de Fátima. Também o coração de José foi um coração partido, pela dúvida, pela desilusão, pela mágoa, pelo desmoronamento dos sonhos legítimos que albergava. Embora nada impedisse o Senhor de Se revelar a José ao mesmo tempo que Se revelou a Maria, Deus preferiu fazer diferente, deixando José sofrer um bocadinho primeiro, para lhe *partir o coração*.

O final da gravidez de Maria e os primeiros tempos da vida de Jesus não foram fáceis para a Sagrada Família. Que complicação! Uma viagem à pressa para Belém, um parto longe das mãos experientes da parteira de Nazaré e do aconchego de casa, nova viagem apressada, desta vez como refugiados para o Egipto. Maria e José tinham certamente o coração partido diante de tantas dificuldades na vida do Menino Deus. Mas havia algo de divinamente belo nesta desarrumação da vida, uma estranha sensação de alegria humanamente inexplicável (como o sorriso de Cornélia). Faz-nos bem imaginar Maria e José a rir, a cantarolar, a brincar um com o outro e ambos com Jesus, como fazem os casais felizes. Não nos deixemos intimidar por visões demasiado piedosas da Sagrada Família! Não é possível disfarçar a felicidade autêntica, pois ela transpira por todos os poros.

Os nossos corações partidos

Aproximamo-nos deste Natal certamente com muitas graças para dar. Mas também com o coração partido. É a pandemia, são os problemas financeiros, dificuldades na relação conjugal ou com a família de origem, doenças e crises dos filhos, ou até as memórias difíceis de um passado doloroso.

Muitos de nós temos o coração partido por causa da Igreja que, como Esposa de Cristo, partilha da Sua agonia nestes nossos tempos de apostasia. Estamos desiludidos com muita coisa e persegue-nos a tentação do desânimo. Sentimo-nos traídos, abandonados, até esmagados.

O berço do amor

Imaginemos um filho que, cada vez que regressa à casa paterna, sofre de ansiedade, revolta, dificuldades na prática dos sacramentos. Imaginemos um marido que, perante a rispidez e frieza da esposa, perde a vontade de ser simpático. Imaginemos ainda o paroquiano que, cada vez que regressa da missa, vem revoltado com a aridez da vida paroquial. “Se não fosse isto, eu seria feliz”, é a tentação natural perante estes cenários. Ou então – e já é um passo em frente: “sou feliz, *apesar* de ter o coração partido.”

Durante este Advento, o desafio é convertermos a nossa perspetiva, isto é, pô-la de pernas para o ar, que é o que significa “conversão”: não basta ser feliz *apesar* disto. É preciso ser feliz *por causa* disto. Não é masoquismo nem sequer resignação, pois um cristão não se resigna a aceitar o mal na sua vida, nem baixa os braços perante situações que requerem competência, esforço, persistência e muita luta para serem corrigidas. É antes a certeza de que o Deus Menino escolhe para manjedoura precisamente essa palha que somos tentados a deitar fora. E se Ele quer adormecer sobre a ferida do meu coração partido, como Lho hei de recusar? Pelo contrário, ficarei sumamente feliz por ter tal berço para Lhe dar.

Compromisso

Como se faz isto? Da próxima vez que sentir o coração partido e, por isso, me sentir justificado na minha depressão, na falta de oração, na falta de caridade, irei parar e dizer a Jesus: “Aqui tens umas palhinhas jeitosas para Te servirem de berço! Podes adormecer aqui!” Então irei dedicar mais – e não menos – tempo à oração, irei ser mais – e não menos - simpático, irei sorrir – esse sorriso inexplicável dos santos. Pouco a pouco, irei experimentar uma estranha alegria, uma agradável inquietação: que surpresas me esperam, agora que o meu coração se transformou em berço do amor?

“There is a crack in everything, that’s how the light gets in” (“Em tudo há uma fenda, por onde a luz entra”), cantava Leonard Cohen. Quando deixamos Jesus adormecer na ferida do nosso coração, ela deixa de deitar pus ou mau cheiro (como cheiram mal os sentimentos de ódio, revolta, raiva, depressão, como é purulenta aquela conversa interior connosco próprios, acentuando o mal que nos foi feito!), para se deixar atravessar pela luz, transformando-se numa ferida gloriosa, irradiante de alegria e paz – como a noite de Natal.

Façamos então, individualmente e em família, o berço para Jesus, palhinha a palhinha! E façamo-lo aqui mesmo, sobre as feridas dos nossos corações partidos. Então Ele virá, e habitará entre nós. *Maranatha!*